SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

APRECIAÇÃO Nº 046/23/AC/84

DATA : 27 Abr 84.
ASSUNTO : Crise no LÍBANO.
ORIGEM : AC/SNI.
DIFUSÃO : CH/SNI.

"Não fraquejeis e não faleis de paz, quando fordes os vencedores."
Corão, Sura 47, "*MUHAMAD, vers 35*".

A retirada da última fração do contingente francês da "*Força Multinacional de Paz*", no dia 31 Mar 84, assinalou o ato final, melancólico, de uma peça encenada pelos EUA, com o propósito de apaziguar o LÍBANO.

"*Depois de nós o dilúvio*" - sentenciavam observadores, na medida em que ganhava força a luta fratricida, e a evidente impossibilidade de contê-la fazia cessar a razão da permanência militar ocidental. Com surpresa, o sombrio prognóstico não se concretizou; nem bem saía a tropa e as partes litigantes já se punham a conversar, diálogo áspero, é verdade, mas sempre um começo. O estranho paradoxo evocaria um vasto tema à reflexão.

•

A segunda rodada da "*Conferência de Reconciliação Nacional*" abriu-se em LAUSANE, no dia 12 Mar, a ela atenderam as principais lideranças libanesas, além de observadores, o Vice-Presidente sírio KADDAM e um representante do Reino Saudita.

O encontro tratou, basicamente, de duas questões centrais: a segurança e as reformas internas. O desacerto entre as partes impediu, todavia, o encaminhamento de uma fórmula razoável de acomo

dação. Os representantes muçulmanos exigiam a abolição do "*critério comunal*" na escolha das funções públicas, enquanto os cristãos batiam-se pelo estabelecimento de um "*sistema cantonal*" no LÍBANO, a oferecer maior autonomia aos grupos confessionais, em seus domínios, por troca da manutenção das proporcionalidades do poder central. Para evitar um desfecho sem resultados aparentes, subscreveu-se um comunicado final, cujo enunciado provê a criação de dois Comitês conjuntos, um para gerenciar o cessar-fogo, outro para apresentar a proposta de uma nova Constituição.

Seria, na verdade, pretensão descabida julgar que a "*Conferência*" pudesse conduzir ao entendimento definitivo; mesmo assim, não se deveria imputar-lhe o malogro absoluto, eis que, bem ou mal, há de ter franqueado alguns saldos, cujo exame comparativo contemplaria, talvez, mais o lado cristão. Poder-se-ia assim deduzir, mediante um raciocínio menos precipitado.

Em primeiro lugar, a Conferência teria ensejado a recomposição do clássico balanço estratégico, com a nítida estratificação das vertentes cristãs e muçulmanas. O "*sentimento maronita*" pode ter pesado sobre SOLEIMAN FRANJIYEH, na medida em que soube superar antigas rivalidades com o clã GEMAYEL e absteve-se de hostilizar o Presidente libanês. O efeito imediato de tal moderação foi a ruptura da "*Frente de Salvação Nacional*", maciço movimento de pressão criado para opor-se à política "*pró-ocidental*" de GEMAYEL, ao qual se incorporara FRANJIYEH. Com isso, definiu-se, também, um bloco exclusivamente muçulmano, mas a ele iria faltar a necessária coesão. Embora tenham reunido suas forças para questionar a autoridade de GEMAYEL e retirar vantagens político-institucionais aos cristãos, o monolitismo árabe foi prejudicado ao aflorarem algumas diferenças entre JUMBLATT, druso, e BERI, da AMAL. O primeiro, desejoso de conservar os ganhos no plano combatente, mostrou-se atraído pela perspectiva de criação de "*um cantão druso*", idéia que o aproximava da tese cristã; o outro, postulou o princípio do "*LÍBANO unido*", obviamente com maiores parcelas de participação xiita no poder.

A Conferência traduziu um êxito parcial do Presidente AMIN GEMAYEL, pois, de uma posição evanescente, hoje não se exige mais a

sua queda. Não se deveria, porém, consignar um valor absoluto à incrível capacidade de sobrevivência do Presidente libanês; na realidade, a sua permanência no poder há de ter custado um preço, a ser partilhado por todo o lado ocidental: a "*arabização*" inapelável do LÍBANO e a ab-rogação do Tratado de Paz com ISRAEL.

O "*auto de fé*" do Presidente libanês teria levado a SÍRIA a promover uma revisão dos seus conceitos diante do conflito. Reduzido o Acordo com ISRAEL a um inútil palimpsesto, deram-se os sírios por satisfeitos e passaram a respeitar a legitimidade do mandato do Presidente libanês. Revigorou-se GEMAYEL, pôde ele dirigir a Conferência sem curvar-se a exigências imoderadas das partes muçulmanas, resguardaram-se interesses cristãos, tudo graças à mediação do Vice-Presidente sírio.

Não se julgue, a propósito, que, ao compatibilizar correntes rivais, a atitude da SÍRIA ilustre decisões improvisadas ou erráticas; foram elas, ao revés, resolutas e muito bem pensadas. Num entreato da crise, após a revogação do Acordo com ISRAEL, GEMAYEL e ASSAD avistaram-se em DAMASCO e, na oportunidade, permutaram concessões que iriam instruir a plataforma do Governo libanês na "*Conferência*": compromisso sírio em apoio à retomada do diálogo de conciliação; formação de um Governo de unidade, sob a chefia de um "*Premier*" da confiança de DAMASCO; cessar-fogo imediato; retraimento das tropas sírias de áreas "*não vitais à sua segurança*", mas sem promessas de uma ampla retirada do território libanês. Fontes reservadas confidenciaram que GEMAYEL, ainda, se curvara a exigências adicionais, não reveladas: treinamento do Exército libanês por oficiais sírios; coordenação e cooperação dos serviços de "*inteligência*"; permissão para livre deslocamento de mísseis SA no território libanês; e revogação de leis e decretos, promulgados durante a atual magistratura.

Do possível acerto entre os dois Presidentes assoma uma conclusão lógica: aos sírios não interessaria o domínio efetivo do LÍBANO, bastando-lhes a custódia do país. DAMASCO soube instigar a "*Frente de Salvação Nacional*" e tirar bom proveito desse instrumento de coerção; permitiu que certas lideranças ganhassem dimensão política, mas não lhes seria concedido alçar-se aos ares em vôo pró-

prio. Os sírios, portanto, prescreveram a dosagem indicada de poder, para consternação de muitos aliados seus.

A crônica libanesa indica que nada se passou conforme os planos traçados pelos EUA. Com efeito, o escopo do projeto norte-americano assentava-se na restauração da soberania integral do LÍBANO, em sanear o seu território e livrá-lo de influências exógenas, desde que se resguardasse a "*face ocidental*" do país. Para tanto, haviam deliberado fortalecer a autoridade do Presidente GEMAYEL e dotá-lo de adequados instrumentos persuasivos, ao tentar desenvolver a capacidade combativa do Exército. O Acordo de Paz com ISRAEL serviria de prelúdio a uma retirada mais ampla das forças ocupantes, a incluir os sírios. A tropa Multinacional garantiria o necessário recurso à dissuasão.

A gestão norte-americana no LÍBANO inscrevia-se, pois, no marco da contenção ao expansionismo soviético, matriz principal da política externa do Presidente REAGAN. Todavia, ao orquestrar a crise segundo a partitura do conflito LESTE-OESTE, bem poderia WASHINGTON ter-se descuidado de harmonizar, em contraponto, a dissonância das notas regionais. Na verdade, os norte-americanos teriam menosprezado um canal de comunicação que os sírios evitaram obstruir, bem como fecharam os olhos ao diálogo com as facções muçulmanas, cujo peso específico não poderiam desconhecer.

A contrapartida dos fatos, diante das intenções, mais que tudo, traduziria um erro de cálculo sobre o quanto ISRAEL significa anátema para os árabes. A perspectiva de "*egiptização*" do LÍBANO foi intolerável, pois implicaria o ínsito reconhecimento à existência do Estado hebreu. O Acordo de Paz, repudiado "*in limine*", liberou uma energia resiliente incontrolável.

No balanço geral, perdem os EUA ao verem-se destituídos do papel de árbitros do contencioso. Ganham os sírios, ao recuperar a tutela do LÍBANO. Aproveitam-se os soviéticos para galgar o proscênio libanês, ao retirarem-se os EUA de mãos vazias. MOSCOU, é claro, não teria condições de gerenciar o processo, até porque a SÍRIA

já demonstrou personalidade própria no trato das questões regionais. Entretanto, saberá tirar partido da afinidade com DAMASCO, a cobrar-lhe gratidão e a introduzir-se, dessa forma, como interlocutor do conflito levantino. Reduzem-se os ganhos de ISRAEL, na conquista de objetivos mais ambiciosos; desprovido de um Ato formal de paz, há de contentar-se com frágeis compromissos de "*não-agressão*". Fica, porém, no LÍBANO, para preservar a integridade da GALILÉIA.

Perde mais o LÍBANO, com a sua soberania reduzida, fragmentado pelas paixões internas, o território recortado por forças estrangeiras, incapaz, assim, de gerir os seus destinos com independência.

* * *